

MUNDOS IMAGINADOS DE FERNANDO DUVAL A JORGE LUIS BORGES: POSSIBILIDADES ENTRE LINGUAGENS LITERÁRIAS E VISUAIS

*IMAGINED WORLDS FROM FERNANDO DUVAL TO JORGE LUIS BORGES:
POSSIBILITIES BETWEEN LITERARY AND VISUAL EXPRESSIONS*

Luiza Prates dos Santos

Graduanda de Artes Visuais Licenciatura/UFPEL
lupsprates@gmail.com

Caroline Leal Bonilha

Prof. Me. Adjunta do Cento de Artes UFPEL
bonilhacaroline@gmail.com

RESUMO

A trajetória literária pela qual toda a criança passa, nem sempre fica na memória do sujeito quando adulto. Neste trabalho, busco resgatar um pouco da fantasia que se perde quando nos tornamos adultos ou adolescentes. No meu caso, tento seguir um adulto-criança, vendo um mundo fantástico diferente do outro, seja por sonhos ou através de grandes livros que me acompanham até aqui. Não menos importante, encontro artistas que vêm a ser parte desta jornada pelo mundo imaginado. Ao lado de Fernando Duval, artista pelotense, que cria um universo entorno do Bivar, animal que nunca existiu, constitui uma vida inteira dentro de nossa imaginação: desde fauna, flora, geografia, criaturas e gentes, em busca do tal exemplar de Bivar, que motiva expedições por gerações! Walmor Corrêa chega para mim no momento de decisão deste trabalho. Ilustrando seres de lendas populares, ele é capaz de mostrar visualmente o que sempre ouvimos falar. Chega ilustrando as coisas que li com Jorge Luis Borges, e seu imenso apanhado de seres tirados de livros, inventados, reproduzidos ali, de forma descritiva. Levo comigo ainda, os ensinamentos de um Pequeno Príncipezinho, que há muito me ajuda a ser criança, não deixar de ver elefantes dentro de jibóias, e gastar o tempo indo lentamente, de mão no bolso em direção à fonte, ao invés de otimizar o tempo e viver com pressa. Afinal, para aqueles que compreendem a vida, isto tudo se parece muito mais verdadeiro.

Palavras-chave: Artes visuais. Literatura. Universos Fantásticos. Imaginário. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The literary journey which all kids go through does not always remain in the memory of the adult. In this paper, I intend to reclaim a little of the fantasy that we let go while growing up. In my case, I try to remain a childlike adult, able to see fantasy worlds, one after another and each different from the other, through dreams or through great books that kept me company. Finding artists that become part of my personal journey through the imagined world is equally important in that sense. Along with Fernando Duval, Pelotas-born artist who creates a whole universe around the Bivar, an animal that has never existed, and which comprises an entire life within our imagination: fauna, flora, geography, creatures and peoples, all searching for a specimen of the Bivar, carrying out expeditions throughout generations. Walmor Corrêa comes to me in a moment of decision in this work. By drawing creatures out of folktales, he is capable of visually transmitting that which we have always heard of. Corrêa illustrates things I read with Jorge Luis Borges and his colossal array of creatures taken from books, invented, reproduced there in a descriptive way. I also carry with me the teachings of a certain Little Prince, who has for a long time helped me to be a child, seeing elephants in snakes, wasting time, hands in my pocket, going slowly towards the fountain instead of optimizing time and living busy. After all, for those who understand life everything seems much more truthful.

Keywords/Palabras clave: Visual Arts. Literature. Fantastic Universes. Imaginary. Interdisciplinarity.

Mundos Imaginados de Fernando Duval, Walmor Corrêa e Jorge Luis Borges

A obra de Walmor Corrêa carrega em cada criação uma sensação de conhecido, desconhecido e do novo ao mesmo tempo. A partir de uma viagem que fez à Amazônia, Walmor Corrêa pensa nas possibilidades, como artista, de criar animais e seus hábitos através do desenho, pois em determinado museu ouvia histórias evidentemente inventadas, que fizeram-no se perguntar “e por que não?”. Antes mesmo de ler tal entrevista, foi essa a pergunta que me fiz ao tentar tramar a literatura fantástica dos mundos imaginários, às artes visuais. Afinal, não são histórias todas as coisas que nos são contadas? A veracidade apenas se torna real quando crescemos, mas seguimos ouvindo sempre histórias, sejam elas históricas ou não.

O mundo imaginado que se pode vislumbrar na obra do artista é onde animais se mesclam com outros, mamíferos com aves, pássaros com peixes, criando assim anatomias bizarras, impossíveis, mas palpáveis, pois a técnica utilizada pelo artista de registro desses espécimes, é de maneira acadêmica científica, tornando assim, possível o surgimento de uma dúvida da existência física desses animais. Ainda para além da criação desse mundo (im)possível, Walmor Corrêa dedicou-se a estudar possíveis anatomias de personagens do folclore no Brasil, uma delas é o Curupira, criando uma imagem irreal praticamente dissecatória, em que coloca o ser com suas partes descritas ao lado do corpo representado. Os pés, característica mais marcante do ser imaginado, são perfeitos destaques nesta obra, suspensos, e caídos, podendo ser vistos de uma posição frontal. Estes trabalhos tornam palpáveis os corpos das lendas, com corpos anatomicamente possíveis de uma existência além da imaginária cultural, e não poderia descrever a obra do artista, melhor do que este trecho encontrado em seu site, que conclui,

“no iconismo arte-científico, a imagem insere-se em uma paginação enciclopédica, passando a atuar como verbete visual de um fenômeno descrito pela arte com a “verdade da ciência”. Todavia, como artista e espectadores devem pressupor, também o discurso da ciência é composto de verdades incompletas, verdades e paradigmas superados e imaginações culturais apresentadas como verdades, ou seja, tudo, menos os conceitos empirista ou metafísico de verdade, com que o espectador ingênuo trata a imagem científica. Logo, o espectador educado verá na obra de Walmor Corrêa o mesmo grau de síntese entre arte, ciência e fantasia realizado por Leonardo, com a singularidade de, neste caso, investigar-se pela técnica da arte-ciência também as condições do mito e da cultura científica moderna e contemporânea.” (MARSHALL, sem página.)

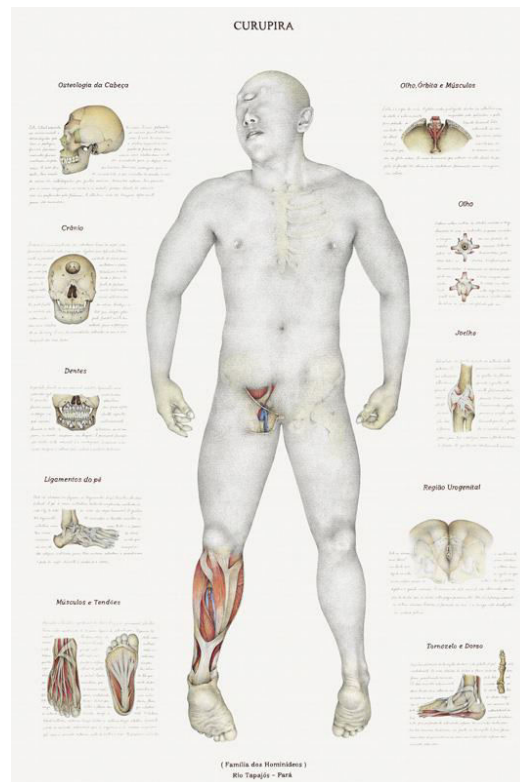


Figura 1: Curupira (2005). Fonte: Site do Artista
Acrílica e grafite sobre tela - 195 x 130 cm

O trabalho exposto da Bienal do Mercosul, traz um significado especial a partir da configuração de mostra dos trabalhos do artista, que estão dispostos em uma espécie de mostruário, em que o que se desloca é o corpo do expectador, tendo de se aproximar, subindo em pequenas escadas, apurando a visão para obter as informações da descrição do animal ali ofertadas. É interessante pensar nas possibilidades que este trabalho poderia ter sido posto e não o foi. Me senti um pouco na minha infância, pois na casa do meu avô havia uma cristaleira onde ele guardava suas coleções de miniaturas de todos os tipos, perfeitos brinquedos para crianças, catalogados perfeitamente por um adulto, que ao invés de brincar, os enjaula. E ali tínhamos de mirar de fora, sem tocar sequer no vidro, querendo fazer funcionar os carrinhos, querendo tornar possível a simbiose de pianinhos e pequeníssimas máquinas de escrever. O título, Biblioteca dos Enganos causa este impacto direto de saber que se adentra em um lugar especificado para algo e na verdade não há o que se espera lá dentro. Espera-se pelo engano. Uma confusão de surpresa e ludíbrio podem causar ao expectador um choque da entrega ao acaso que foi previamente comunicado. Contudo, a obra parte de relatos do naturalista Herman von Ihering que veio para o Rio Grande do Sul em 1880 e catalogou de maneira descritiva os animais residentes da região, e a partir dos equívocos ou brechas

deixadas pelo naturalista é que Walmor Corrêa vai idealizar a figura dos animais que apresenta nos livros dispostos nos nichos.

Na figura abaixo, pode-se ver um desses exemplos, onde o artista detalha a descrição visual de um Morcego Vampiro, partindo dos registros escritos do viajante:



Figura 2: Morcego Vampiro - Biblioteca dos Enganos (2009). Fonte: Site do Artista



Figura 3: Biblioteca dos Enganos (2009). Fonte: Site do Artista

Mundo imaginado fantástico

Fernando Duval (1937) é um artista pelotense que trabalha e vive no Rio de Janeiro desde a década de 50, e que começa seu trabalho com a ilustração e escrita relacionadas, ao mesmo tempo. Seus primeiros trabalhos eram pequenos livros, batidos à máquina e ilustrados por ele, que eram compartilhados em encontros com seus amigos. Esse trabalho artesanal, evolui conforme demanda e crescimento do material acerca do mundo que foi sendo construído. A escrita gira entorno de um animal que nunca existiu, e a primeira publicação oficial que surge já editada em edição de luxo pela Editora Projeto, bem como sua participação na Bienal do Mercosul no ano de 2013.

O fascinante mundo criado a partir do imaginário do artista, nos é revelado hoje com uma complexidade histórica, que possui sua própria galáxia (Washemin), seu próprio planeta (Fahadoika), e possui dois sóis e quatro luas, e dentro deste planeta, o único continente habitado: Wasthavastahunn, que possui mapas próprios, flora, fauna, uma complexa sociedade e expedições mirabolantes,

Dentro deste universo bastante desenvolvido, existe o animal que nunca existiu, (pauta do tema), que torna esta história tão fascinante, pois sabe-se que o animal nunca existiu, e ainda assim se fazem expedições atrás de qualquer vestígio de sua estada na terra wathiana. Há registros pictóricos e imaginários deste espécime, no qual ele é descrito com precisão, desde sua variação da fêmea para macho, como nascem seus filhotes e sobre tamanho e característica quase acreditáveis deste fenômeno.

No mundo criado por Duval, as coisas funcionam mais ou menos como em nossa sociedade. As pessoas criadas por Duval possuem mesmo nível descritivo do animal que nunca existiu. Segundo entrevista dada em uma exposição feita no *Brazilian American Cultural Institut* em Washington (EUA), Duval conta que cada personagem vai ganhando histórias que se aprofundam e entrelaçam com o passar dos anos, como a vidente que só prevê coisas que já aconteceram, ou o casal que joga Gabbantino, um jogo que nunca termina, ou o Gabbinoso, que gosta muito das coisas incompreensíveis, e por isso, jamais desfaz um mistério.

Os principais aspectos culturais da vida do mundo Wathiano, dividem-se em oito partes: Capologia, que visa preservar os maiores mistérios e cujo líder é o personagem

Gabbinoso, já citado; Concretos Runs Tabboi, que determina o calendário de eventos do planeta; Jogo do Gabbantino, que busca preservar o vida espiritual do planeta; Sistema Denckler, uma espécie de instituto que pesquisa a estética das formas; Fundação Andraten, que reúne a maior coleção de coisas inúteis; Museu Gallimerda, um completo museu que reúne coleções de flora, mineirais, fauna, uma pinacoteca e objetos científicos, e foi onde foi colocado o Bivar, mesmo nunca tendo existido; Institutos do Silêncio, que são escolas que visam os ensinamentos da apreciação do silêncio e sua influência nos estudos de música e a Comissão Rélibus Comendatis, “sociedade secreta com sócios anônimos que estudam a



Figura 4: O Mundo Imaginário. Fonte: Site do Artista

origem dos nomes seus usos e abusos”.¹

As possibilidades narrativas

A partir da perspectiva visual dos artistas apresentados anteriormente, podemos fazer uma sensibilização e pensar na prática descritiva que exerce Jorge Luis Borges. A relação direta que faço é do exercício de Walmor Corrêa com sua representação da descrição feita pelo viajante, e a reflexão de Borges com os relatos extraídos de livros, como nos casos de “*Un animal pensado por C. S. Lewis*” ou “*Un animal pensado por Kafka*” por exemplo. Mas também o adentramento do próprio autor no exercício de catalogação de animais que se ouviu falar, como “*Sirenas*” e outros animais “inventados”, e no caso do cavalo em “*El Caballo del Mar*”, explica que a diferença entre um animal fantástico e ele é que o cavalo referido não é um híbrido, não é uma mistura de seres, mas sim, um cavalo selvagem comum, mas de crinas

¹ Informações retiradas do site do artista, cujas transcrições podem estar muito semelhantes, contudo, tanto a cópia, quando a alteração das informações, não eram viáveis para essa explanação.

e rabo mais compridos e pelo mais lustroso, que vive no mar, e só toca suas patas em terra firme com o cheiro das éguas que chega com a brisa, apenas em noites sem lua.

Para estabelecer uma relação entre as três obras, uso como análise, (longe de ser um comparativo): o próprio *Bivar*, animal sonhado por Fernando Duval; *Ondina* de Walmor Corrêa e *Sirenas*, de Borges, que podem conversar a partir dos aspectos ficcionais e folclóricos. Apesar de haver um limiar entre as duas coisas, há aí uma tênue linha entre as duas coisas. Enquanto a ficção existe apenas no que se sabe de ficção, o folclore ou as lendas, são parte da constituição de determinada cultura, ou seja, há aquele que afirmam ter visto, ou conhecer alguém que tenha visto, ou jurar de pés juntos fazer todo o possível para não ver o ser imaginado. Parte de um imaginário coletivo que se modifica, se tranforma, ressurgue, reaparece.

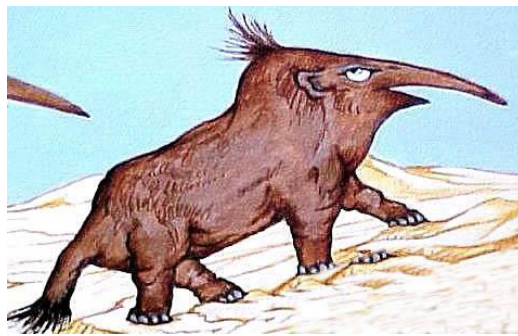


Figura 5: Bivar. Fonte: Site do Artista

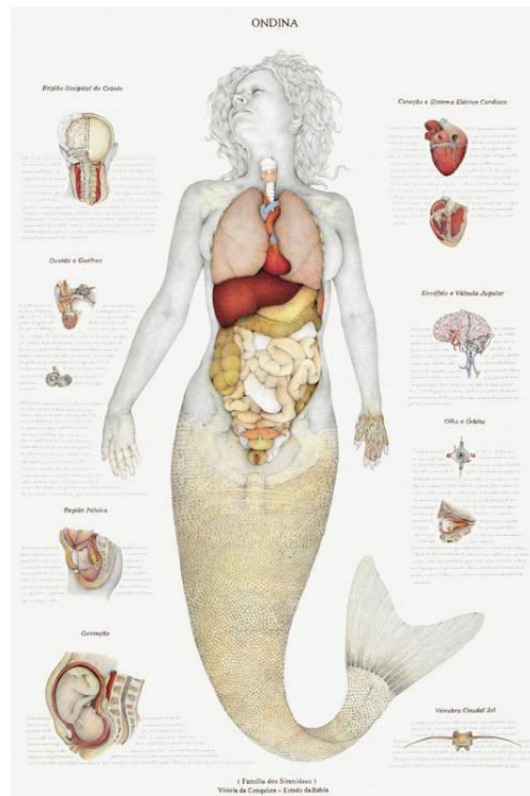


Figura 6: Ondina. Fonte: Site do Artista

Em “*Sirenas*” há um apanhado geral sobre os aparecimentos desses seres em diversas mitologias. As primeiras aparições, segundo Borges, são na *Odisséia*, onde elas seduziam e afogavam os marinheiros, e, que para resistir ao seu encanto, Ulisses tampouco os ouvidos da tripulação para que não ouvissem seu canto e conseqüentemente caíssem em seu feitiço. Para as suposições banais, poucas diferenças se notam, para alguns eram mistura de peixe com mulheres, aves marinhas com humanos, e, algumas variações de encantamentos, no qual o corpo se transformava completamente em peixe ou completamente em humano. Alguns refutaram a possibilidade de existência das sereias pelo simples fato de que uma mulher não poderia viver no mar. E como aponta Borges: “*Sirena: supuesto animal marino, leemos en un diccionario brutal.*”

As sereias, e, mais especificamente as Ondinas, são seres que representam as forças das águas, tem-se como surgimento da existência² deste ser, nos escritos de Paracelso (1493-1541) no *Tratado sobre os Espíritos Elementais* (1566). Cabe aqui, dizer que Paracelso foi um médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista, o que faz crescer o imaginário acerca do

² Utilizo o termo *existência* com a ambigüidade proposital das possibilidades de existência física ou imaginária.

contexto em que vivia Paracelso e pensar nos aspectos determinantes para os relatos que existem em seu tratado.

Independente ao fator de precisão de quando “surgiram” as Ondinas, podemos ver ao longo da história as inúmeras representações de seres que regem as águas. Por ser um mistério, ainda nos dias de hoje, o que há nas profundidades, apenas é frizada a condição de medo ante o desconhecido, tanto pensando nos primeiros viajantes que cruzavam os mares, amedrontados, ou os que *não* cruzavam pelo mesmo motivo. Há ainda uma outra passagem do livro de Borges, chamada “*Animales Esfericos*”, onde ele apresenta as qualidades de uma esfera enquanto corpo uniforme, equidistante de seu centro e capacidade de girar em si mesma; comenta ainda sobre o fato de Platão ter aceitado que o mundo tenha sido feito nesta forma, resignado a uma vontade superior, e julga então que o mundo é um ser vivo, bem como o céu e as estrelas. Borges conta ainda, que em Alexandria, o teólogo Orígenes “ensinou aos bem aventurados que ressucitariam de forma esférica e entrariam rodando na eternidade”. Passamos por Platão, Orígenes, e lá no Renascimento com Vantini, que retoma a ideia do céu como um animal; são citados ainda Marsilio Ficino, Giordano Bruno, entre outros.

Partindo do pressuposto colocado pelos antigos e muito bem compactado por Borges, estabelece também do formato esférico com os olhos, com o formato esférico do planeta. Podemos pensar também na relação do medo de “cair” da Terra, no período (incrivelmente atual) em que se pensava que o planeta Terra era plano, penso no cegar-se diante da grandeza, pois estamos próximos demais para pensar na magnitude, e junto disso nas relações que requerem o afastamento para uma melhor percepção das coisas. Outra boa relação é a importância dos olhos para Platão, já que ver, para além de enxergar era um dom nobre, o que é fruto de uso tanto das sereias, que encantam os homens com sua beleza e acabam por cegá-los, quanto as Ondinas, que tiram suas vidas quando os amaldiçoam no intervalo de acordar e dormir novamente, ou seja, o abrir e o fechar dos olhos, e que está presente lá na Odisséia de Homero, com a Medusa, a quem não se podia olhar diretamente.

A literatura fantástica, ou mesmo a fantasia, é uma linguagem que, a princípio, é voltada para crianças. Sobre o surgimento deste tipo de narrativa, suas possibilidades são bastante variáveis, não havendo um consenso de qual teria sido O Primeiro Livro Fantástico Infantil da história, mas sabe-se que este gênero, em alguns lugares servia como código (onde

se pode adentrar do campo da sátira como denúncia), para preservação de mitos, como disseminação de lendas, folclores; em alguns lugares essas lendas, boatos e misticismos eram tidos como verdades.

Em Introdução à Literatura Fantástica, Todorov afirma:

“O fantástico implica portanto não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca a hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler, que se pode por ora definir negativamente: não deve ser “poética”, nem “alegórica”. Se voltarmos ao “Manuscrit”, vemos que esta exigência acha-se aí igualmente preenchida: por um lado, nada nos permite das imediatamente uma interpretação alegórica aos acontecimentos sobrenaturais evocados; por outro, esses acontecimentos são perfeitamente dados como tais, devemos imaginá-los, e não considerar as palavras que os designam exclusivamente como uma combinação de unidades lingüísticas.” (TODOROV. p.38)

O autor ainda complementa com a frase de Roger Caillois:

“Esta espécie de imagens se situa no próprio cerne do fantástico, a meio caminho entre aquilo que me ocorreu chamar imagens infinitas e imagens limitadas... As primeiras procuram por princípio a incoerência e recusam intencionalmente qualquer significação. As segundas traduzem textos precisos em símbolos que um dicionário apropriado reconverte, termo por termo, em discursos correspondentes.” (CAILLOIS, p.38)

Ou seja, os pensamentos postos na literatura fantástica, vão além do banal e da linguagem infantil. Elas possuem uma linguagem própria, uma maneira de envolver o leitor, como disse o autor, sem ser alegórico ou poético.

Um outro autor que traz a presença da fantasia e de mundos imaginados, é Alejandro Dolina. Seu livro *Crónicas del Angel Gris*, traz contos que curcundam e romontam à histórias locais, mas assim como existem aquelas personagens detalhadamente descritas, existem um nicho especial chamado “Los Refutadores de Leyendas”, que basicamente são aqueles que negam a existência de tais histórias. Em um trecho do livro, subtulado “El extraño caso del hombre y la bestia”, ao qual faz alusão à história Médico e o Monstro, ele fala que a história foi “estragada” por uma poção mal preparada. Em poucas linhas registra os fatos e finaliza com a frase: “Un mal farmacéutico es fatal pala la literatura” (DOLINA, p.218).

Pose-se notar nesta passagem a acidez e simplicidade dos escritos do autor, poeta, cantor, compositor argentino. O trecho anterior se segue por “Refutación de Leyenda”:

“La verdadera transformación es imposible.
Para ser otro, hay que dejar de ser uno. Hay que aniquilarse. Lo que hace que un hombre sea uno y no otro, es -decía Unamuno- un principio de unidad y continuidad. De unidad en el espacio, a través del cuerpo; de contunuidad en el tiempo, por una

serie continua de estados de conciencia, certificada por la memoria. Y no se puede ser cabalmente algo sin apropiarse de su sucesión, es decir su pasado, su presente y su futuro.

Así, la transformación exige renunciar a ser y a haber sido.” (DOLINA, p..219)

Assim, a crônica segue com narrativas que afirmam as impossibilidades de um acontecimento como este, e não deixa de ser fantástico o fator da refutação do fantástico nesta obra. Principalmente se tratando no bairro Flores, local onde se passam grande parte das narrativas desta obra. Por fim, o texto é finalizado com a passagem:

“Tal vez, en un improbable futuro, los lectores razonables se transformen en gentes enloquecidas y disfruten de estos modestos caprichos. O mejor aún, quizá este columnista delirante experimente una saludable metamorfosis y escriba crónicas de cine, para alegría de sus amigos y favorecedores. (DOLINA, p. 219).”

Com esta crônica, pode-se ver também o tom das impossibilidades dos mundos fantásticos sem que sejam do mundo verdadeiro. E achei bastante pertinente esta colocação para a possibilidade de uma nova perspectiva para a pesquisa.

Considerações sobre o imaginário infantil x adulto

Ao pensar e problematizar esta temática para este trabalho, o meu motivador foi, além da literatura, o imaginário infantil. Minhas reflexões sobre o assunto vêm sendo cunhadas ano após ano, num estado indefinido de ser adulto e de ter deixado de ser criança. Há muitos aspectos particulares de cada sujeito que cabem ser analisados em âmbito particular para sanar essas questões, e é pensando no único escrito supostamente voltado para o público infantil de Antoine de Saint Exuperry que penso nas relações adulto x criança ou adulto-criança.

Buscando um pouco mais sobre os estudos que se têm sobre a infância, deparo-me com dados impressionantes. Começando pelo fato de que o pensamento (cogitação) sobre a infância como um campo afunilado das humanidades é incrivelmente recente. Até o século XVI não se pensava na infância como um período de *ser* criança, mas sim, um período de incapacidade (os primeiros anos), e depois um indivíduo como qualquer outro, e como aponta Ariès, algumas crianças não possuíam autonomia alguma, enquanto outras eram detedoras de muito poder, como é o caso de diversas situações em que crianças (pessoas de idade muito tenra) eram coroadas, por exemplo.

Por um longo período os adultos e crianças são indistintos, frequentando mesmos ambientes e realizando os mesmos hábitos. Como apontam alguns autores, foi Descartes quem começou os pensamentos sobre infância através do *Processo do Método*, por meio de uma reflexão sobre si mesmo, aonde afirma a busca da razão, processo pelo qual passa desde a infância até a vida adulta, pautada no bom senso e, única coisa que nos distingue dos animais, segundo ele. Descartes começa a pensar também na alma como motivadora do corpo, uma idade da mera criação da história, pois o aprisionamento do homem começa quando ele nasce criança, pois é o estágio no qual ele necessita de um vínculo, visto como um aprisionamento, pois o homem se torna homem, pelas capacidades de domínio de si e de seu pensamento livre.

Para Jean Jacques Rousseau a infância é o um estágio humano que deve ser valorizado, a criança deve exercer seu papel de criança, mais do que isso, admirada. E ao falar sobre educação, Rousseau pressupõe que o educador possui deve ocorrer de maneira natural, longe da corrupção do meio social, de forma que sejam sanadas suas necessidades naturais.³

Para concluir o breve estudo sobre as considerações de René Descartes e Jean Jacques Rousseau, concordo com alguns aspectos colocados por Descartes, contudo as considerações de Rousseau, que frizam o entendimento da infância como um estado que deve ser passado de forma natural, deixando que as necessidades espontâneas sejam sanadas, que o pensamento criativo seja exercido. Fundamentalmente para Rousseau, a criança deve ser educada a partir de dois princípios: a Natural ou Educação Negativa. A primeira prevê que a criança deve desenvolver-se a partir da própria experiência com o mundo natural, não-urbano, motivado pela própria curiosidade. A educação Negativa é a que é transmitida pelo homem, pois “Se o homem é bom por natureza, segue-se que permanece assim enquanto nada de estranho o altere... [...]” (p. 178). Ou seja, o homem urbano que é corrompido por toda a moral da sociedade, não possui condições para transmitir o que for para o novo homem que se forma a partir de uma criança.

Todo esse estudo de Rousseau, quase um protesto, nos dias de hoje, pode-se considerar absolutamente encaixável. Cada vez mais pensamos na reaproximação das crianças

³ Natureza para Rousseau, pode ter três significados: 1. Oposição aquilo que é social; 2. Reconhecimento das necessidades inatas da criança; 3. A exigência de um contato físico não-urbano.

com o que é natural, com o que é da vida. Pensamos na liberdade da caminhada, do passeio, na sensibilização e na retirada dos alunos de dentro de uma sala de aula.

Parar de pensar só no essencial, essencial é viver, é amar e ver. É enxergar para dentro de si, mergulhar no espelho do mundo, é atravessar-se do perfume de um jardim florido e filosofar sobre a morte das estrelas. É ver guizos no céu, é festejar a existência, a serenidade, a paz. Ser essencial é tornar essenciais todas as coisas que nos rodeiam.

Conclusões finais

Através das relações estabelecidas pelas diferentes manifestações expressivas presentes neste trabalho, pude ver a vastidão de artefatos dos quais necessitei aglomerar para chegar a uma pesquisa sólida. O intuito inicial foi desviado, e foi um desvio maravilhoso. Em primeira instância, quis realizar este trabalho como algo leve, algo que me tirasse das coisas muito sérias que estive fazendo. Quis fazer um trabalho “sem compromisso”. Ao iniciar as pesquisas com os artistas, me deparei com algo estupendo, que não poderia não ser levado a sério, pois em suas complexas obras estavam contidos mundos imaginários inimagináveis, e passei a tê-los como companheiros de viagem. Um aspecto muito importante disto tudo, foi ter estabelecido contato com Fernando Duval e Walmor Corrêa, ter sido muito bem respondida, o que só aumentou a responsabilidade e o cuidado com o que faria com toda essa disponibilidade de material.

O estudo havia crescido exponencialmente em relação ao seu esboço feito no final do ano de 2017, até que sinto a necessidade de pensar sobre infância. Os primeiros escritos que li sobre isso, já indicavam que algo a mais estaria por trás desses pensamentos nebulosos, que estavam precisando de arremates. Então percebo que pensar a infância, refletir sobre os estágios do desenvolvimento humano, desde suas capacidades cognitivas, comportamento social, identificação cultural, entre tantos outros aspectos, era um tema muito mais denso, que levou a uma profunda imersão de pensamento.

Como disse anteriormente, há uma parte de espírito em mim, que preciso estar constantemente retocando, que é o espírito infantil. Não é um exercício simples, mas não chega a ser esforço, e sim, a constante lembrança de sutilezas da vida, de nuances, de calmarias, de leveza. São os dez minutos de olhar pela janela, abstraindo o pensamento das

coisas sérias; é o olhar cuidadoso para os livros tão coloridos da estante, são os pequenos brinquedos que mantenho ali, para lembrar-me de ser essência. E é um exercício que faço neste momento, enquanto pesquiso, busco referências, normativo, mas faço um intento de empatia com o possível leitor, como sendo uma possível motivadora de uma reflexão, de um olhar para si mesmo, de se ver, nas coisas que nos constituem, no momento que me constrói a partir das escolhas, das leituras, dos diálogos.

E é só então que as coisas começaram a encaixar-se. Recém saída de um estágio docente, pré-requisito para a formação de licenciados, e prestes a iniciar o segundo estágio, os pensamentos sobre infância e desenvolvimento, só crescem, se atravessa uma gama de possibilidades de abordar, não só o conteúdo determinado na grade escolar, mas criar mundos imaginários, inúmeros os tipos de trabalhos práticos, conversas, passeios; foi uma possibilidade de pensar no que fui com as crianças com as quais trabalhei, com o que serei com meus irmãos pequenos, o que faço no meu dia a dia para partilhar desse sentir-se leve com os que me rodeiam.

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” (SAINT-EXUPERY, p. 74)

Referências

Livros

BORGES, Jorge Luis. **El Libro de los Seres Imaginarios**. Editora Librería Kier. Buenos Aires, 1967.

DOLINA, Alejandro. **Crónicas del Ángel Gris**. Ediciones Colihue. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2013.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1995.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução: Dom Marcos Barbosa. Livraria Agir Ed.: Rio de Janeiro, 1982.

SOËTARD, Michel. **Jean Jacques Rousseau**. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. Ed.: Recife, 2010.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. Tradução: Maria Clara Correa Castello. Editora Perspectiva, Col. Debates. São Paulo, 2014.

Teses ou Dissertações

PEREIRA, Vilmar Alves; SILVA, Simone Gonçalves. **Compreendendo a Infância nas perspectivas de Descartes e Rousseau**. 2011. PUCPR, Paraná. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Disponível em: <
http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4289_2315.pdf > Acesso em: 22.02.2018.

QUEIRÓZ, Fernanda Pinheiro. **O Conceito de Infância e o papel do Educador em Rousseau**. 2010. Dissertação, Faculdade de Educação de Passo Fundo. Disponível em: <
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp145484.pdf>> Acesso em:22.02.2018.

Revistas ou Periódicos

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Vanessa Fortes de. A Construção Social do conceito de infância: Uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v.9, n. 1, p04 – 18, Jun. 2008. Disponível em: <
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/issue/view/162>> Acesso em: 22.02.2018.

Sites

Walmor Corrêa Oficial Website. Disponível em: < <http://www.walmorcorrea.com.br/obras/>>
Acesso em: 22.02.2018

Fernando Duval Oficial Website. Disponível em: <
<http://www.fernandoduval.com.br/site/?home>> Acesso em: 22.02.2018.